

SHORTER, Aylward. *African recruits and missionary conscripts: the White Fathers and the Great War (1914 – 1922)*. London: Missionaries of Africa History Project, 2007. 270 p. ISBN: 9780955523502

Jefferson Olivatto da Silva*

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que Shorter vem desenvolvendo a respeito da história dos *White Fathers* (Sociedade dos Missionários da África) e de suas práticas na África. O primeiro volume, em 2006, chama-se *Cross and Flag in Africa, The “White Fathers” during the Colonial Scramble (1892 – 1914)*, tratou da relação dos *White Fathers* e da grande divisão feita com o território africano pelos europeus; momento em que esses missionários começaram a entender o que era o continente africano e que possibilidades havia para catequizar as populações do interior do continente. Em um segundo trabalho, *African recruits and missionary conscripts*, 2007, descreveu como a Primeira Grande Guerra Mundial modificou o cotidiano africano assim como o europeu. O terceiro volume, *The White Fathers and Second World War (1936-1947)*, em 2008, finalizou a trilogia, determinada pelas grandes mudanças mundiais, apontando sofrimentos, mortes e epidemias que avassalaram a Europa, como também a África, durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Shorter fez uso dos arquivos na Casa Geral dos *White Fathers* em Roma, Itália, onde se localiza a maior coleção de arquivos e documentos desde sua origem em 1868; dos arquivos das Casas provinciais do grupo pela Europa; em Museus na Grã-Bretanha, França e Bélgica, que possuem vasta coleção sobre a Primeira Guerra Mundial; e visitas nos campos de batalha africanos e europeus.

O livro escolhido, *African recruits and missionary conscripts*, 2007, pode ser compreendido por meio da funcionalidade católica nas missões, sob a égide política da *Propaganda Fide* - organismo romano responsável pela ação católica em países não católicos¹. Essa funcionalidade está tecida dentro da tese antropológica de Shorter (2006b), segundo a qual as missões cristãs poderiam ser entendidas pelo conceito de

* Doutorando em Ciências Sociais, UNESP-Marília, sobre as ações missionárias na África Central, Apoio Fundação Araucária-PR; Mestre em Educação, UNESP-Marília; Graduação em Filosofia e Psicologia; Professor do Departamento de Pedagogia, UNICENTRO-PR; Email: lualuo@hotmail.com

¹ Criada em 1622, pelo Papa Gregório XV, *Congregatio pro Gentium Evangelisatione*, ou como é conhecida hoje Sagrada Congregação da Propagação da Fé, formada por 13 cardeais, também representava uma das ações da Contra-Reforma. Seu poder econômico e político dentro da Igreja Católica, no século XVIII e XIX, colocava o cardeal que a dirigisse na posição de quase um papa, sendo chamado de “papa vermelho”, devido ao traje vermelhos dos cardeais.

inculturação (*inculturation*). O trabalho missionário, para o autor, deveria atualizar uma dupla fidelidade, - ao evangelho e à cultura -, a fé se tornando cultura. Para nós, essa tese explicaria outra questão, a da cultura eclesiástica que delinearía identidades coletivas vinculadas à reprodução hierárquica católica, enquanto grupos e ordens religiosas (jesuítas, combonianos, marianos, maristas, etc.): as ações dos missionários seriam católicas à medida que são legitimadas hierarquicamente (cf. BOURDIEU, 1997).

Podemos observar que nos primeiros três capítulos, Shorter demonstrou de que forma os conflitos sociais remodelaram os territórios europeus e africanos; bem como, o prejuízo ao expansionismo católico pela necessidade de recompor a identidade europeia dos missionários que procuravam, estrategicamente, serem vistos pelos africanos como católicos e não colonialistas. Com a convocação para a guerra, esse esforço evidenciaria aos africanos que os missionários, além de católicos, eram sobremaneira europeus. Contrariamente ao apelo europeu, uma das características identitárias desse grupo era sua internacionalização, de belgas, franceses, alemães, holandeses, canadenses, etc., que residiam nas mesmas casas e executavam atividades em conjunto. Diante de o conflito entre o agir como missionário humanitário e o soldado europeu, os *White Fathers*, conforme a circunstância, apresentavam-se na função de soldados para os africanos, e para europeus, como capelães. Tanto que, a brutalidade da guerra vivenciada na África, associada ao preconceito racial, fez com que alguns missionários retomassem em suas ações, sobremaneira, à identidade europeia abusando no tratamento com os africanos. Houve até o uso de bambu como instrumento de punição a qualquer tipo de desordem do contingente africano. Relatos como este foram direcionados às ações militares do missionário Padre Joseph Mazé (1883-1959) contra seus carregadores.

Para a legitimidade da prática cristã humanitária, assim como o discurso contra os terríveis feitos dos campos de concentração, no pós-guerra, a presença de missionários alemães tornou-se um problema político para a igreja católica. Desta maneira, a questão primordial no pós-guerra, para os *White Fathers*, era o lugar em que estariam os alemães na proposta missionária da África. Este tema, tratado no capítulo sétimo, *O que fazer com os alemães?*, *What to do with the Germans?*, apresentou que para os alemães a guerra significava o futuro da cultura europeia que dependia da vitória alemã. Já para os aliados, era a defesa da civilização. Pelos discursos militares propagandistas as justificativas da guerra apontavam categorias dicotômicas ocidentais:

militarismo versus liberalismo, comunidade versus individualismo, ordem versus anarquia, estado socialista versus capitalismo. Entretanto, essas rupturas identitárias, missionário e soldado ou soldado e missionário, iniciada pela guerra, em solo dos aliados, puderam ser observadas na Rhodésia do Norte (atual Zâmbia e Malawi), que mesmo em face à política de catolicismo universal, a coroa britânica obrigou os missionários alemães que morassem todos juntos em um único território, como uma espécie de aprisionamento.

Outros eventos estenderam a ação do colonialismo europeu. Dos soldados enviados à Europa das colônias da África Ocidental, calcula-se mais de 140.000 homens, e destes, 25% a mais do que os franceses que morreram durante as batalhas. Em solo africano, sem registros exatos, estima-se por volta de meio milhão de africanos que sucumbiram. Porém as mortes não foram causadas exclusivamente por ferimentos de armas de guerra, mas pela gripe espanhola e outras epidemias que se espalhavam pelas trincheiras repletas de ratos e mortos que eram revisitados por movimentos de recuo ou enfrentamento dos soldados (tais epidemias atingiram diversos vilarejos remotos da África). De 1918-1920, estima-se por volta de 40 milhões de vidas que foram dizimadas na África.

O capítulo oitavo, As consequências da Guerra, *The Aftermath of War*, Shorter mostrou como a Primeira Guerra Mundial modificou o cenário da África, e a remodelagem de ações pastorais então mais sociais do que religiosas. Havia milhares de cadáveres por todo o continente, nas portas das casas, nas estradas e caminhos pelas florestas. Além disso, um estado de fome alarmante, principalmente, nas regiões austrais devido a sua configuração climática. Como causa do despovoamento africano em muitas regiões, no pós-guerra, as doenças estavam lado a lado com a fome intensificadas pelas manobras militares. No cenário ds doenças mais comuns estavam: diarreia, meningite, tifoide e varíola; e na região Leste o surgimento epidêmico da praga bubônica. Só na região do Alto Congo, 10.000 indivíduos foram dizimados por esta última epidemia.

Segundo Lunn (1999), a forma de recrutamento africano teria sido uma expropriação da força humana mais intensa do que o comércio de escravos havia provocado, que além de obrigar o recrutamento sem a preparação ou as condições adequadas, eram postos em confrontos por justificativas obscuras. Como consequência sócio-histórica, da primeira e segunda Grande Guerra, em solo africano, pudemos ver a

alienação a que foram postos os países liderados pela reprodução do domínio europeu e militar: Mobuto Sese Seko (1965-1997) no Congo, Idi Amin Dada Oumee (1971-1979) e seu sucessor Apollo Milton Obote (1979-1985) em Uganda, Mengistu Haile Mariam (1974-1991) na Etiópia, etc. (HOCHSCHILD, 1999) A condição dos soldados africanos, *askari*, no capítulo 5, é demonstrada por Shorter recuperar a influência causada pelo comércio pré-colonial de escravos sobre os africanos, que viam no recrutamento como uma forma de prospecção econômica, mantendo-os em um processo de alienação social. Esse apelo imaginário ao heroísmo guerreiro ou militar pode ser visto pelos marcos da guerra presentes na África, em Dar-es-Salam, capital da Tanzânia, há um monumento para os *askari* e em Nairobi, Kenia, estatuetas elegantes de soldados, nomes de praças e ruas, que fazem menção à guerra.

Reafirmando a vinculação hierárquica, Shorter procurou descrever personalidades dos *White Fathers* que espelharam ações de inculturação, como Paul Voillard, que seria eleito Superior Geral dos Missionários da África, como também o Papa Bento XV, que mantinha uma estreita relação com eles. Outrossim, para enaltecer o catolicismo dos *White Fathers*, adaptações estratégicas da fé à cultura africana, no último capítulo, a história dos Missionários da África é desdobrada nos últimos anos de seu primeiro Superior Geral, León Livinhac, que assumiu a direção do grupo após seu fundador, Cardeal Charles Lavigerie (RENUALT, 1992). Neste ponto, Livinhac é evocado como Bispo dos *White Fathers* por um prestigioso zelo espiritual, de práticas missionárias em regiões africanas adversas, - Norte e Equatorial -, modelando-o como a personificação do grupo: zelo pela prática missionária, pioneirismo e apreço pelo heroísmo de sucumbir “em nome do Evangelho e do amor pela África”, devoção à “Nossa Senhora”², vida austera e humilde, bem como submissão às determinações de Roma e a constante preocupação com a comunidade católica internacional. As referidas características admiradas de Livinhac, que Shorter enalteceu, são as que reproduzem o que aqueles que se dispusessem à profissão religiosa deveriam reproduzir, e mais, desejar como ideal de suas ações, e que, na mesma intensidade, fossem consideradas por seus superiores como legitimamente católicas. O capítulo termina descrevendo a beatitude de Livinhac e sua constante preocupação com o bem-estar espiritual e social

² No Brasil, quando os *White Fathers* iniciaram sua casa de formação eclesial, adotaram o nome de Missionários de Nossa Senhora da África por perceberem que o catolicismo brasileiro mantinha estreita relação com o culto mariano, e justificando tal inculturação ao apreço e devoção que historicamente tinham à “Nossa Senhora” (MISSIONARIES OF AFRICA, 2011)

de seus missionários e dos africanos. Seu funeral foi descrito como exemplo de doação absoluta ao povo e solo africano: realizado na Uganda, Kampala, local onde havia sido erigido como o Primeiro Bispo da África Equatorial, foi cortejado por uma cerimônia tipicamente africana para o retorno do Avô *Vyniak!* (como era pronunciado seu nome entre os africanos).

Por fim, nos apêndices, Shorter citou os nomes, nacionalidades, condecorações, ferimentos, mortes, desaparecimento e atuações dos missionários durante a guerra. Também fez menção aos *confrères* que deixaram o grupo por uma vida laica.

Africans recruits and missionary conscripts é um excelente material de referências para a compreensão de a Primeira Grande Guerra no acontecer africano e suas influências políticas e religiosas, suas transformações no interior do continente e suas reconfigurações territoriais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1997.

LUNN, John Harris. **Memoirs of the Maesltrom**: a Senegalese oral history of the First World War. Inglaterra, Londres: James Carrey, 1999.

HOCHSCHILD, Adam. **King Leopold's Ghost**: a story of greed, terror and heroism in colonial Africa. E.U.A, Nova Iorque: Houghton Mifflin Company, 1999.

MISSIONARIES OF AFRICA. Disponível em: <www.mafrome.org>. Acesso em 20 de dezembro de 2011.

RENAULT, François. **Le Cardinal Lavigerie, 1825-1892**. França, Paris: Fayard, 1992.

SHORTER, Aylward. **Cross and flags**: the White Fathers during the colonial scramble (1892 – 1914). EUA, Markynoll: Orbis & Aylward Shorter, 2006a.

_____. **Toward a Theology of Inculturation**. E.U.A., Chicago: Wipf & Stock Publishers, 2006b.

SHORTER, Aylward. **The White Fathers and Second World War (1936-1947)**. Inglaterra, Londres: Missionaries of Africa, 2008.

Recebido em: 19/03/2011

Aprovado em: 17/06/2011